3. O fracasso ambiental e os prejuízos à criatividade

Winnicott desenvolve sua teoria em torno dos primórdios do processo de constituição do self, postulando a importância dos cuidados maternos para a integração do mundo interno do bebê. Neste sentido, é em torno dos êxitos ou fracassos do meio que se dá a constituição psíquica, exercendo esta influência decisiva sobre a subjetividade. Em Winnicott, o ambiente é entendido como algo complementar, como o que, sendo suficientemente bom, possibilita a integração e o desenvolvimento dos potenciais inatos do bebê. Sem este ambiente que se adequa e que suporta esta sobreposição, o próprio sentimento de continuidade existencial do bebê fica comprometido, e ele pode não atingir o sentimento de ser uno, de existir singularmente.

“Existe tanta diferença entre o começo de um bebê cuja mãe pode desempenhar esta tarefa suficientemente bem e o de um bebê cuja mãe não o possa que não há validade nenhuma em se descrever bebês nos estágios iniciais a não ser relacionando-os com o funcionamento das mães. Quando a mãe não é suficientemente boa a criança não é capaz de começar a maturação do ego, ou então ao fazê-lo o desenvolvimento do ego ocorre necessariamente distorcido em aspectos vitalmente importantes.” (Winnicott,1983[1962b]:56).

Esta descrição da necessidade de interação entre o ambiente e o bebê para o desenvolvimento deste último, leva-nos a pensar que o psiquismo, no início incipiente ou rudimentar, vai se complexificando com as experiências do viver. Ou seja, através das experiências com o ambiente suficientemente bom, vai se tendo a possibilidade cada vez maior de relacionar os mundos interno e externo, de vincular as experiências numa linha de história contínua, que possibilita a emergência de uma singularidade, de um sujeito que se reconhece e se sente real. Esta complexificação, chamada por Winnicott de maturação, implica um movimento em direção à independência. Assim, se houver o suporte ambiental adequado, este processo é vivido criativamente pelo sujeito, ou melhor, a criatividade permeia este processo de separação entre o eu e o não-eu e de construção do sentido de realidade, de modo a fortalecer o sentimento existencial e a singularidade do ser.

Como vimos no primeiro capítulo, a criatividade está diretamente relacionada à provisão ambiental suficientemente boa, não sendo possível ao sujeito iniciar a vida criativamente senão neste solo adequado. É somente mediante o sentimento de existência, possibilitado no início pela mãe, que a criatividade ganha vida e pode, assim, fortalecer a singularidade do sujeito. Em outras palavras, é o sentimento de continuidade existencial que possibilita o relaxamento e a experiência de não integração primária que, por sua vez, abrem caminho para o gesto espontâneo criativo. A criatividade refere-se, deste modo, à autenticidade do ser, à possibilidade do sujeito criar uma identidade própria, tendo uma forma original e singular de existir e se relacionar com o mundo. Por outro lado, se o ambiente falha em sua função de sustentação, a criatividade não pode ser experienciada, e o processo de integração e maturação fica, assim, prejudicado ou impossibilitado. Em suma, se a mãe não é suficientemente boa, não há lugar para a criatividade, para um sujeito que se sente real e que pode usufruir verdadeiramente das experiências da vida.

Vale lembrar que quando Winnicott fala nesta necessidade da mãe ser suficientemente boa, ou seja, de adaptar-se ao bebê e atendê-lo, não é de satisfação pulsional que se trata. Seu interesse recai sobre o desenvolvimento egóico, sobre os primórdios do processo de integração e constituição do self. Deste modo, trata-se de não interromper a continuidade existencial do bebê, de proporcionar o holding, acolhê-lo, de modo que o bebê sinta o meio como uma verdadeira extensão sua, e não como algo invasivo. Como vimos, é somente nesta base, com o sentimento de continuidade existencial, que o bebê poderá alcançar o sentimento de self, de ser si mesmo. Ao contrário, se a continuidade existencial do bebê é interrompida por uma falha do ambiente em propiciá-la, ele passa, mesmo que momentaneamente, a reagir ao invés de existir. Voltaremos a este ponto, o da reação, mais adiante, por hora gostaríamos de ressaltar a importância da adequação do ambiente como base para o sentimento de continuidade existencial do bebê, posto que é a partir disto que a criatividade pode ganhar vida.

O termo falha ambiental é utilizado por Winnicott para descrever diversas situações em que o ambiente não provê ao bebê os cuidados e o continente necessário a seus processos de integração e desenvolvimento emocional. Não se trata da falha relativa ao processo de desilusão, que instaura o princípio de realidade e é necessária, como descrito no capítulo anterior. É preciso deixar claro

que uma mãe suficientemente boa não é uma mãe perfeita, mas suficiente, e, portanto, também falha. Dito de outro modo, o termo mãe suficientemente boa parece aludir justamente ao caráter em parte falho inerente a qualquer maternagem. Como vimos, determinadas falhas maternas não apenas fazem parte de uma maternagem suficientemente boa, mas são necessárias ao próprio desenvolvimento do bebê, posto que impulsionam seu processo maturacional.

“Na saúde, as perturbações ambientais até um certo grau constituem um estímulo valioso, mas para além desse grau tais perturbações são contra-producentes na medida em que dão margem a *reações*. Nesse estágio tão inicial do desenvolvimento ainda não há uma força suficiente do ego para que ocorra uma reação sem perda da identidade” (Winnicott, 2000[1949a]:263).

Trata-se, então, de falhas que podem ser desde as necessárias ao bebê, até aquelas que se tornam nocivas e acabam por prejudicar seu desenvolvimento. As primeiras são graduais e concomitantes às necessidades que surgem do processo de integração do bebê, já as mais nocivas relacionam-se a um comportamento materno mais errático e instável. Deste modo, as falhas maternas só são, de fato, prejudiciais quando excedem a capacidade do bebê de lidar com elas. Neste capítulo discorreremos justamente sobre estas falhas que, de algum modo, prejudicam o desenvolvimento emocional do bebê e, conseqüentemente, interferem no uso de seu potencial criativo. Em suma, trataremos das conseqüências à criatividade de uma maternagem não suficientemente boa, de uma maternagem deficiente.

Abram sintetiza em três diferentes categorias as mães que, de fato, malogram em prover ao bebê o ambiente adequado às suas mais primitivas necessidades, são elas: “a mãe psicótica, a mãe que não pode se entregar à preocupação materna primária e a mãe atormentadora” (Abram,2000:161). Explica que a mãe psicótica, apesar de poder suportar as demandas iniciais do bebê, não consegue separar-se dele e aceitar seu percurso singular rumo à independência. Deste modo, a integração egóica do bebê ficaria comprometida, já que é imprescindível para seu desenvolvimento a gradativa desadaptação materna. Quanto à mãe que não ingressou no estado de preocupação materna primária, lembramos que este é considerado por Winnicott um estado próprio à

maternidade, mas que nem todas as mães ingressam nele². A depressão materna, por exemplo, poderia ser um impeditivo para este ingresso, pelo fechamento narcísico que lhe é característico. Por último, a mãe atormentadora seria aquela que não provê ao bebê um ambiente constante, previsível, levando-o a compensar intelectualmente tal inconsistência. A intelectualização, neste sentido, seria uma defesa empregada na tentativa de o intelecto assumir as funções do ambiente (Abram,2000:190).

Enfim, a deficiência materna, neste estágio tão primitivo, acarreta prejuízos para o processo de desenvolvimento e integração do bebê, existindo grande diferença entre uma mãe suficientemente boa e uma que malogra em sua função. No primeiro caso, a mãe possibilita um bom encontro do bebê com a realidade, sendo o mundo sentido como um aliado, algo que lhe pode oferecer o que deseja ou necessita. Ao contrário, quando a mãe malogra nesta sua função de apresentar a realidade de forma proveitosa ao bebê, a realidade pode advir bruscamente, sendo vivenciada por ele como intrusão. As intrusões dizem respeito à prevalência do ambiente sobre o eu, ou melhor, a momentos em que o fator ambiental adquire maior importância que o indivíduo, o que, por isso mesmo, o faria reagir. Dito de outro modo, se a mãe falha em sua função de proteção, a realidade invade a vivência do bebê, sendo sentida como algo intrusivo e fora de controle. Como dito, é a adequação do ambiente suficientemente bom que assegura ao bebê o sentimento de continuidade existencial. Sendo assim, as intrusões ambientais, e conseqüentes reações, interrompem o sentimento de continuar a ser do bebê, o que tem por corolário o embotamento de sua criatividade em tais circunstâncias.

“Todos os processos de uma criatura viva constituem um *vir-a-ser*, uma espécie de plano para a existência. A mãe que é capaz de se dedicar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o *vir-a-ser* de seu nenê. Qualquer irritação, ou falha de adaptação, causa uma reação no lactente, e essa reação quebra esse *vir-a-ser*.” (Winnicott,1983[1963]:82)

² Winnicott salienta que o ingresso da mãe no estado de preocupação materna primária depende não apenas de sua própria saúde psíquica, mas também de condições especiais sustentadas pelo ambiente. Ou seja, o pai – mais diretamente – e o entorno social têm o papel de lidar com a realidade externa para a mãe, apoiando e assegurando seu retraimento temporário (Winnicott,1983[1960b]:135). Caso contrário, se não houverem tais condições, o ingresso da mãe no estado de preocupação materna primária será dificultado, podendo mesmo não ocorrer.

No entanto, a intrusão pode ser tanto traumática quanto reparável. Neste último caso, se a mãe puder reparar sua falha e prover ao bebê o esperado suporte egóico, ele poderá enfrentar a intrusão e, desse modo, restabelecer seu sentimento de self. Se assim for, as reações que interrompem o sentimento de continuidade existencial do bebê são anuladas pelo manejo materno reconstituente, e o bebê pode retomar tal sentimento sem prejuízos ao processo de integração. Porém, se a intrusão ocorrer num momento prematuro ou for demasiada intensa, o resultado será traumático, e o bebê estabelecerá um padrão reativo para lidar com a realidade (Abram,2000:32). Neste caso, o excesso de reações acabaria por provocar uma ameaça de aniquilação, da qual o bebê teria que defender-se.

“...se a mãe proporciona uma adaptação suficientemente boa à necessidade do bebê, a linha de vida da criança é perturbada muito pouco por reações à intrusão. (Naturalmente, são as *reações* às intrusões que contam, não as intrusões em si mesmas.) A falha materna provoca fases de reação à intrusão e as reações interrompem o ‘continuar a ser’ do bebê. O excesso de reações não provoca frustração, mas uma *ameaça de aniquilação*.” (Winnicott, 2000[1956]:403).

Deste modo, se a mãe falha em sua função de ego auxiliar, ao não dosar a apresentação da realidade ao bebê, ela não funciona como o escudo protetor necessário, que possibilita ao bebê sentir-se criando e controlando a realidade. Aqui, a realidade invade a vivência do bebê e interrompe seu fluxo de vida, instaurando uma situação traumática, já que, para Winnicott, “trauma significa quebra de continuidade na existência” (1999[1967a]:4). Nesta situação, a realidade passaria a ser experienciada, prioritariamente, como algo contra o qual o bebê teria que defender-se, ou melhor, ao que teria que reagir, estabelecendo um padrão reativo de ser.

Portanto, para Winnicott, a falha materna na fase mais primitiva, onde a dependência do bebê ao meio é absoluta, leva à angústia de aniquilação do eu do bebê, ou melhor, o bebê sente a falha como uma ameaça à sua existência pessoal, posto que não reconhece a mãe como entidade separada (2000[1956]:403). Para ele, o bebê só pode ter o sentimento de continuidade existencial a partir de uma vivência de indistinção com o meio. Ou seja, o primeiro sentimento de ser não se localiza no indivíduo, mas no conjunto ambiente-indivíduo. Assim, se a mãe falha

nesta função de continente psíquico, é a próprio sentimento de existência do bebê que entra em jogo.

Em suma, no início o bebê não tem a percepção de um exterior, não lhe é possível fazer uma separação entre si e o mundo, ele e o mundo são uma coisa só. Se o mundo for por demais ameaçador ou invasivo, isto acarretará conseqüências para o psiquismo do bebê, uma vez que ele ainda não tem um ego integrado a ponto de diferenciar-se e ser eficiente em suas defesas.

Assim, cabe à mãe suficientemente boa proteger a criança, na medida do possível, das angústias primitivas iminentes ao estado imaturo do ego, atendendo as necessidades que surgem do processo de integração. Vale lembrar que, para Winnicott, mesmo quando a mãe satisfaz, por exemplo, a pulsão oral do bebê, dando-lhe uma alimentação satisfatória, isto pode estar violando o ego incipiente do bebê, caso a situação não seja correlata às suas necessidades³. Ou seja, a satisfação pulsional não corresponde, necessariamente, a uma satisfação em termos egóicos, não é ela o que leva à integração e ao sentimento de existir tão importantes para o bebê. Por conseguinte, a não satisfação das necessidades egóicas mais primitivas levaria à ameaça de aniquilação, o que também não corresponde a uma situação de frustração pulsional.

Para elucidar esta questão, vale examinar melhor o significado que Winnicott confere ao termo aniquilação. Winnicott contrapõe a angústia de aniquilação à angústia de separação ou castração. Diz que esta última pressupõe alguma estruturação egóica, ou seja, a criança atingiu algum grau de independência e pode utilizar-se de mecanismos de defesa egóicos. Já a angústia de aniquilação é vivida nos momentos mais primitivos da constituição egóica e, portanto, é anterior a separação. Para ele, as defesas do ego ligadas à angústia de separação giram em torno da problemática pulsional, referem-se às manifestações do id. Já a angústia de aniquilamento liga-se à problemática do desenvolvimento egóico, à forte dependência inicial existente entre o indivíduo e o ambiente (1983[1960]:42-43).

³ Discorremos, no capítulo 1, sobre a importância de a mãe apresentar o objeto no momento oportuno à criação do bebê. O que importa não é a satisfação pulsional que o objeto estaria ou não gerando, mas a experiência do bebê de criar o objeto, o fortalecimento de seu sentimento de existência.

Deste modo, neste início a angústia não é de separação, posto que o bebê ainda não se diferenciou do ambiente. Para sentir-se existindo o bebê depende de um ambiente adequado, que lhe possibilite desenvolver seus potenciais e atingir a integração. Se o meio não sustenta isto, o que ocorre é que o bebê sente-se invadido por algo que nem sequer pode nomear, e passa a reagir ao invés de existir. Nas palavras de Winnicott: “A alternativa a ser é reagir, e reagir interrompe o ser e o aniquila. Ser e aniquilamento são as duas alternativas”. (1983[1960]:47) O aniquilamento refere-se, assim, a um atentado ao sentimento de existência do bebê.

Apesar de as reações serem um atentado ao sentimento de existência, é importante frisar que, na saúde, o bebê pode retomar tal sentimento e o fluxo do processo de integração. Há um limiar de tolerância do bebê às reações. Winnicott (1949a) utiliza o termo *preparo* para indicar reações não traumáticas, isto é, coloca que o bebê pode enfrentar determinados períodos de reação se estiver preparado para tal. Isto é, Winnicott considera que, inevitavelmente, o bebê enfrentará momentos de reações que interrompem seu sentimento de continuidade existencial, o importante é que ele possa retomar logo tal sentimento, e que tais períodos sejam condizentes com sua possibilidade de suportá-los. Parece vir daí a importância do limite temporal no experienciar ou não do bebê as reações como traumáticas. Assim, as reações só levam à experiência do trauma quando são demasiadas intensas ou prolongadas.

“Na saúde o bebê está preparado antes do parto para uma certa intrusão ambiental, e já teve a experiência de um retorno natural da reação a um estado em que não é preciso reagir, sendo este último o único estado em que o eu pode começar a ser.” (Winnicott,2000[1949a]:264)

Com isto, nota-se que a análise de Winnicott baseia-se em uma visão processual, em que fazem parte das experiências de vida do bebê, digamos assim, tanto momentos de maior harmonia, como momentos de maior turbulência. O importante é que o processo de desenvolvimento possa seguir, ou seja, que as interrupções sejam momentâneas e pontuais, e que o bebê possa retomar, o mais rápido, seu fluxo de vida. Exemplo disto seria a experiência do nascimento que, na saúde, causa uma fase temporária de reações, a partir da qual há logo uma retomada do sentimento de continuidade existencial do bebê. Neste sentido, uma

experiência só é traumática quando a intrusão ambiental é prolongada. Dito de outro modo, a continuidade do ser é, por vezes, interrompida. O importante é que a linha existencial seja retomada a tempo, de modo que as reações não configurem um padrão defensivo rígido, e não impeçam a constituição e a expressão verdadeira do ser.

Em suma, para Winnicott (1949a), o que é traumático neste início é a necessidade de reagir em demasia, uma vez que a reação implica em perda de identidade e em um sentimento extremado de insegurança. Este sentimento, por sua vez, viria da sensação de um adiantamento infinito, isto é, da sensação de se estar nas garras de algo imprevisível e que não se pode evitar. Sendo assim, o bebê pode enfrentar certas fases de reação a intrusão sem que isto prejudique seu processo de integração, desde que estas fases não se prolonguem por muito tempo, excedendo seu limite de tolerância.

Também no texto *A localização da experiência cultural*, Winnicott (1967b) ressalta a importância do fator temporal, dizendo que a demora da mãe em atender as necessidades do bebê é determinante no experienciar do bebê a falha ambiental como algo traumático. Winnicott coloca que o uso do objeto transicional pelo bebê indica o começo da formação de uma representação mental do objeto, sendo que para isto é necessária a presença, no espaço e no tempo, deste objeto enquanto realidade. Como se sabe, o objeto transicional auxilia o bebê em seu processo de integração egóica, ao intermediar a passagem de seu estado inicial indiferenciado à possibilidade de construir uma percepção objetiva da realidade. Porém, justamente por ser um híbrido de objetividade e subjetividade, é preciso que ele represente para a criança algo relativo não apenas a seu mundo interno, mas também a algo que esteja presente no mundo real. Deste modo, se o objeto real se ausenta por um período de tempo que excede o limite suportável pela criança, seja minutos ou dias, a imagem interna pode se apagar e, assim, também o objeto transicional perde seu valor, ou melhor, perde o sentido.

Winnicott condiciona, assim, a vivacidade da representação mental do objeto ao objeto existente. O destaque ao fator temporal vem, justamente, desta dinâmica entre a imago interna e a externalidade do objeto, uma vez que a imago não sobrevive, por muito tempo, sem a presença real do objeto. Winnicott sintetiza isto da seguinte maneira:

“O sentimento de que a mãe existe dura x minutos. Se a mãe ficar distante mais do que x minutos, então a *imago* se esmaece e, juntamente com ela, cessa a capacidade do bebê utilizar o símbolo da união. O bebê fica aflito, mas esta aflição é logo corrigida, pois a mãe retorna em $x + y$ minutos. Em $x + y$ minutos, o bebê não se alterou. Em $x + y + z$ minutos, o bebê ficou traumatizado. Em $x + y + z$ minutos, o retorno da mãe não corrige o estado alterado do bebê. O trauma implica que o bebê experimentou uma ruptura na continuidade da vida, de modo que defesas primitivas agora se organizam contra a repetição da ‘ansiedade impensável’ ou contra o retorno do agudo estado confusional próprio da desintegração da estrutura nascente do ego.” (Winnicott,1975[1967b]:135-36)

Em suma, a falha materna pode ser corrigida, porém, dentro de um limiar de tempo tolerável pelo bebê. Caso contrário, tal falha pode gerar uma experiência traumática, o que forçaria uma precoce organização defensiva contra a ansiedade suscitada, comprometendo a integração egóica e o próprio sentimento de existir do bebê. Deste modo, o fator temporal é de extrema importância para a possibilidade das falhas serem reparadas, e para que o processo de constituição do self seja efetivo.

Costa (2004) ajuda-nos a pensar a importância do ambiente para o êxito (ou fracasso) da experiência criativa. Salienta que é apenas mediante a adaptação do meio ao bebê que ele pode ser criativo, já que, vale frisar, a criatividade se dá na interação entre o interno e o externo, e, portanto, precisa do mundo para nele e com ele ser experienciada. O autor cita três casos em que o ambiente malogra nesta função adaptativa. O primeiro caso relaciona-se ao ambiente que é invasivo ou omissivo, o segundo se refere ao ambiente que retarda em apresentar o objeto, e o terceiro ao que apresenta um objeto que não se presta à função criativa. (2004:118). Os dois primeiros casos citados já foram descritos neste trabalho: o aspecto da invasão ou omissão, e a demora na apresentação do objeto, que diz respeito a importância do fator temporal na apresentação do objeto. Costa contribui, neste momento, com as considerações que faz sobre o terceiro caso, referente a natureza do objeto, para o qual chama a atenção. Diz que o objeto propício à ação criativa deve possuir duas qualidades: “deixar-se alterar, em parte, pela atividade sensorio motora ou representacional da criança”, ao mesmo tempo em que resiste, em parte, a tais esforços (2004:118). Explica que ao alterar o objeto a criança experimenta a ilusão onipotente de criá-lo à sua vontade, e ao se

deparar com a resistência do objeto ela experimenta os limites do corpo e do eu, e, por conseguinte, se desenham os contornos do mundo exterior.

“Pela ilusão da onipotência, o sujeito extroverte sua mente na realidade externa; pela solidez do objeto-objáculo, experimenta os limites do corpo e do eu e adquire o sentido de uma realidade autônoma em relação a seus desejos e fantasias.” (Costa,2004:119)

Neste sentido, conclui que o objeto transicional precisa ser ao mesmo tempo complacente e resistente, sendo que se não tiver estas qualidades, não se presta à função transicional, à ação criativa.

Com isto, Costa evidencia que é a criatividade que permite esta relação de troca entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido, entre a realidade interna e a externa, sendo o objeto transicional o resultado desta articulação. O autor destaca que o objeto transicional leva à ação, ao fazer, considerando esta como sua principal característica (2004:111). Enfatiza, assim, que a ação criativa implica em imprimir algo de pessoal à realidade, realidade esta que não fica nem sob o controle onipotente, como os objetos na fantasia, nem fora de controle ou inacessível, como os do mundo real.

O que nos parece mais fascinante na teoria winnicottiana da criatividade é justamente este valor que Winnicott confere à capacidade ilusória humana. A criatividade funda-se na experiência de ilusão, e a ilusão – diferentemente da alucinação – não depende apenas da realidade psíquica interna, mas de conciliar esta com um substrato de realidade presente no mundo real, o que, como Costa bem evidencia, leva em conta a natureza mesma desta realidade. Ou seja, a possibilidade de um viver criativo reside na experiência ilusória do bebê sentir-se criando a realidade, a qual, na verdade, lhe é apresentada; trata-se de uma íntima articulação entre os mundos interno e externo.

Deste modo, é através da criatividade que o bebê tem a possibilidade de lidar com o mundo não-eu de modo que ele não seja sentido como uma ameaça, mas como algo que vem ao encontro de suas necessidades. Em outras palavras, Winnicott reconhece que a instauração do princípio de realidade é uma afronta ao bebê (1999[1970]:24), porém a criatividade permite ao bebê lidar com ela de

modo que tal afronta seja atenuada⁴. Caso contrário, diz Winnicott, a criança poderia ou perpetuar a onipotência, ou tornar-se excessivamente submissa, em ambos os casos, não havendo a possibilidade de uma verdadeira troca com o mundo. Em suma, para Winnicott, é a capacidade criativa o que permite ao sujeito investir na vida, lidar com o princípio de realidade de modo saudável.

“É muito mais o caso de ‘Estenda a mão, e ele estará lá para você usá-lo, gastá-lo’, do que Peça e lhe será dado’. Isso é o começo. Pode ser perdido no processo de introdução do mundo factual ao mundo do princípio de realidade, mas, no estado de saúde, conseguimos formas de recapturar o sentimento de significado proveniente de uma vida criativa. O sintoma de uma vida não-criativa é o sentimento de que nada tem significado, o sentimento de futilidade, de que nada importa” (Winnicott, 1999[1970]:36)

No artigo sobre o papel de espelho da mãe (1967), Winnicott ressalta esta importância do ambiente em fornecer o suporte necessário ao processo de subjetivação e de construção criativa do sentido de realidade. Coloca o olhar materno no centro da construção do sentimento de self do bebê, sendo para isto necessário um olhar que legitime a singularidade do ser. Fala também sobre o contraponto deste, isto é, o olhar materno que não opera esta função especular, dificultando a integração e a expressão criativa do self. Para Winnicott, a capacidade criativa da criança depende, para ganhar vida, desta primitiva experiência de o bebê sentir-se olhado, de ver-se refletido no olhar materno. Isto auxilia o bebê a, paulatinamente, reconhecer a si mesmo e criar um olhar próprio do mundo. Vale ressaltar que o olhar materno refere-se à possibilidade da mãe reconhecer e legitimar a singularidade do bebê, ao identificar-se à ele e atender suas necessidades. Com isto a mãe permite a existência pessoal do bebê, isto é, a emergência de um ser criativo, que pode existir como si mesmo. Caso contrário, o bebê não vem a existir e, portanto, não é possível que seja criativo. Aqui a reação toma o lugar da criação.

⁴ Neste sentido, pode-se entender a criatividade como uma defesa diante do princípio de realidade e dos traumas que a vida impinge. Este aspecto da criatividade nos parece bastante interessante e, embora neste estudo estejamos pensando mais especificamente no falso self como defesa às dificuldades da vida, não ignoramos o fato de que a própria criatividade pode ser uma saída diante de certas adversidades.

Em suma, o investimento materno é fundamental para a edificação de um sentimento de existência e, digamos assim, para o engajamento na vida. É o olhar materno que possibilita que o bebê reconheça e integre suas particularidades e experiências em uma identidade sentida como própria. Portanto, para Winnicott, o olhar materno está na base do desenvolvimento da própria capacidade criativa do bebê, uma vez que para ser criativo é preciso sentir-se existindo e, mais do que isto, ter um solo de confiança e adequação que permita tal experiência. Winnicott descreve nos seguintes termos o que poderia ser a fala do bebê nestes momentos:

*“Quando olho, sou visto, logo existo.
Posso agora me permitir olhar e ver.
Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção e também percebo.
Na verdade, protejo-me de não ver o que ali não está para ser visto (a menos que esteja cansado).” (Winnicott, 1975[1967c]:157)*

Isto, porém, faz parte de uma maternagem suficientemente boa, na qual a mãe, empaticamente, reconhece e se adequa às necessidades do bebê. Se não for este o caso, ao invés de o bebê ver-se refletido no olhar materno, vê a própria mãe. Neste sentido, uma mãe que não pôde voltar de fato seu olhar para o bebê, que, podemos dizer, de alguma forma ficou presa em seu próprio narcisismo, deixa de reconhecer e legitimar a singularidade do bebê e, por conseguinte, dificulta que ele crie seu próprio olhar para o mundo. Ao contrário, como salienta Winnicott, o bebê pode passar a reagir, a estudar defensivamente o ambiente, tentando predizê-lo. Aqui, o gesto espontâneo e a autenticidade do bebê ficariam restritos às circunstâncias que ele interpretaria como sendo menos arriscadas. Assim, a criatividade se resumiria aos momentos em que poderia existir como si mesmo, aos momentos em que não precisaria reagir.

As expressões faciais da mãe ganham, nesta sua tese, um significado importante. Para Winnicott, tais expressões deveriam refletir e contribuir para o processo de integração egóica, ajudando ao bebê na construção de sua identidade. Porém, se não há esta fina sintonia entre as expressões faciais maternas e a vivência do bebê, ao invés de refletir o bebê, tais expressões refletiriam a própria mãe, com seu estado de humor e defesas. Tal desarmonia invadiria a vivência do bebê, ameaçando seu sentimento de existência e, por conseguinte, interferindo em sua espontaneidade. Nestes casos, o bebê passaria a examinar, defensivamente, as

feições maternas, de modo a se resguardar destes momentos em que se sente ameaçado. Vale citar a comparação que Winnicott faz entre tal exame das feições maternas e a forma como todos examinamos o tempo. Diz que, assim como estudamos o tempo a fim de nos resguardarmos, também o fracasso materno levaria o bebê a fazer previsões sobre o humor materno, no sentido de tentar prevenir-se e saber os momentos em que pode usar de sua espontaneidade (1975[1967c]:155).

Em suma, a mãe, que deveria funcionar como um espelho, e que, por algum motivo, falha em sua função, dificulta, em muito, a criatividade do bebê, posto que o ser visto está na base do olhar criativo. Sendo assim, o olhar da mãe é de vital importância para que o bebê sintase vivo e possa construir o seu próprio olhar para o mundo.

Portanto, se o bebê não encontra no meio o suporte adequado que este período primitivo requer, ao invés de uma experiência criativa, pode se iniciar um modo submisso de lidar com a realidade externa. O gesto espontâneo que, caso devidamente assegurado pelo ambiente, possibilita ao bebê conhecer o mundo através de uma busca pessoal e criativa, é dificultado por este ambiente não acolhedor. Neste caso, ao invés da ilusão onipotente de criar o mundo, o bebê sente-se invadido por um mundo que se impõe precocemente, ao qual teria que reagir. Note-se que a reação opõe-se à criação. A criação parte de uma busca pessoal e ajuda a conferir um significado singular à existência, já a reação relaciona-se à submissão a um meio invasivo e demandante, que sufoca o processo criativo. Deste modo, a reação diz respeito a um atentado ao sentimento de ser, não é uma ação legítima, mas uma ação reativa e, portanto, alienada ao ambiente. Em outras palavras, o bebê reage por sentir-se invadido por um meio que não lhe dá espaço, que não lhe permite existir enquanto sujeito. Vale citar Winnicott:

“Neste ponto é possível dizer que o bebê perturbado por uma imposição que o faz reagir é empurrado para fora do estado de ‘ser’. Esse estado de ‘ser’ pode acontecer apenas sob certas condições. Ao reagir, o bebê não está ‘sendo’.” (Winnicott,2000[1949a]:267).

Esta oposição entre ação criativa e reação também pode ser encontrada no artigo *A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional* (1950). Nele

Winnicott descreve como um ambiente suficientemente bom possibilita ao bebê descobrir, ou melhor, ter a ilusão de criar o mundo a partir de sua motilidade, contrapondo esta experiência ideal a dois outros casos em que o ambiente impõe-se ao bebê, causando uma série de reações à intrusão. A motilidade diz respeito aos primórdios da agressividade, quando esta ainda não é intencional, seria uma ação sem propósito agressivo. Para Winnicott é este impulso agressivo, ou melhor, a motilidade, o que permite que o ambiente seja descoberto pelo bebê. Aqui, é o indivíduo que empreende o contato com o ambiente, o que resulta em uma vivência crescente de sentir-se existindo a partir de um centro.

Por outro lado, se o ambiente impõe-se precocemente ao bebê, a motilidade não é experienciada como partindo de seu núcleo, fortalecendo seu self, mas, ao contrário, passando a fazer parte da própria experiência de reação. Neste caso, o sentimento existencial do bebê ficaria restrito apenas às situações de quietude. Num caso ainda mais extremo, não haveria nem mesmo este lugar de repouso que permite a existência pessoal. Aqui, o indivíduo não construiria uma existência sentida como própria, não atingiria o estatuto de ser ele mesmo, desenvolvendo-se mais como uma extensão da casca, do ambiente, que de seu verdadeiro núcleo (Winnicott,2000[1950]:297).

“Na doença ocorre que nesse estágio tão primitivo é o ambiente que se impõe, sendo a força vital consumida em reações à intrusão – e a consequência é o contrário da sólida instauração do *Eu*. Em casos extremos acontecem muito poucas experiências a não ser através de reações, e o *Eu* não se estabelece. Em vez disso encontramos o desenvolvimento baseado na experiência de reação. O indivíduo que assim passa a existir será chamado de falso, pois a impulsividade pessoal está ausente.” (Winnicott,2000[1950]:303)

Pode-se sintetizar da seguinte maneira a relação primitiva entre o ambiente e o indivíduo: na saúde, o ambiente é descoberto, há um movimento em direção ao ambiente e este, quando oferece certa resistência, permite ser reconhecido enquanto um fenômeno não-eu, ao mesmo tempo em que ressalta a singularidade e participa da construção do sentimento de self do indivíduo. Já na doença, o ambiente se impõe e, ao invés do movimento espontâneo, tem-se as reações a tal intrusão ambiental e o retraimento do ser. Dito de outro modo, as alternativas são: criar o mundo ou ser por ele criado. Neste último caso, ao invés de uma existência

criativa, baseada em um sentimento de viver a própria vida, instaura-se um padrão falso de ser, ou seja, a existência fica alienada ao meio invasor. Ao invés de espontâneos, os gestos passariam a ser uma forma reativa de se relacionar com o mundo, no sentido de não mais serem criativos, mas de estarem subordinados ao meio invasivo.

Em suma, um ambiente falho não permite ao bebê o sentimento de existência que possibilita o gesto criativo, ao contrário, “se o cuidado materno não é suficientemente bom, então o lactente realmente não vem a existir, uma vez que não há a continuidade do ser; ao invés a personalidade começa a se construir baseada em reações a irritações do meio” (Winnicott,1983[1960a]:53). Assim, ao invés do gesto espontâneo criativo, tem-se a reação à intrusão ambiental.

Neste sentido, o que importa é a sintonia entre o bebê e o ambiente neste processo, ou melhor, se o bebê encontra um meio suficientemente bom que lhe permite ser, ou se, ao contrário, um meio invasivo e demandante ao qual precisa reagir. Note-se que o que está em jogo aqui é mais do que a construção de um sentimento de self, de existir como si mesmo, mas a possibilidade de uma vivência original e criativa, sendo o papel do meio vital neste processo. Como dissemos, é o sentimento de ser o alicerce para a experiência criativa, ou seja, a criatividade é o fazer que é gerado a partir do ser (Winnicott,1999[1970]:23). Para Winnicott, não há possibilidade de se ser criativo, a menos que tal ação advenha de um ser existente.

“Um bebê que tenha nascido quase sem cérebro pode alcançar um objeto e usá-lo, mas sem a experiência de um viver criativo. O bebê normal, da mesma forma, precisa crescer em complexidade e tornar-se um ‘existente’ estabelecido, para que possa experimentar a procura e o encontro de um objeto como um ato criativo. Então vou à máxima: Ser, antes de Fazer.” (Winnicott,1999[1970]:26)

Sendo assim, uma ação só é criativa se traz em si a marca da subjetividade. Como bem se percebe no fragmento acima, não é a ação, ou o resultado da ação, o que denota se uma atitude é criativa ou não, mas o fato de esta atitude estar ou não fundamentada no sujeito, se ela é algo espontâneo, que surge a partir de dentro, ou se algo reativo, alienada ao exterior.

Vale ressaltar o papel fundamental que o meio tem no desenvolvimento de uma ou outra possibilidade, se de reações ou de criações. Como dito, para Winnicott, é o amparo do meio que, juntamente às tendências inatas da criança, a possibilitam sentir-se existindo, ser original, criativa, ter experiências que brotam de seu ser e que corroboram para o seu enriquecimento pessoal, sendo isto o que lhe possibilita acreditar e investir a vida. Ao contrário, um meio que fracassa leva o bebê a sentir-se invadido, ameaçado em sua existência, passando então a reagir. Neste caso, o bebê não pode ser criativo, posto que ao invés de possibilitar-lhe existir, as invasões ambientais o fazem reagir. Aqui o ambiente não é sentido como algo que vem ao encontro das necessidades do bebê, como um aliado, mas como algo que demanda adaptação, ao que ele deve se subordinar.

“É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação” (Winnicott,1975[1959-64]:95).

Assim, a incapacidade materna em interpretar as necessidades particulares da criança pode levar à formação de uma precoce organização defensiva, a uma falsa existência. Aqui, o indivíduo desenvolve-se mais como uma extensão da casca, adaptando-se aferradamente ao ambiente e retirando-se de cena, que como extensão de si mesmo, de seu núcleo, e é justo por isso que o retraimento fracassa, posto que o mundo interno e as relações objetais se empobrecem e esvaziam quando não há criatividade. O excesso de reações e de ameaças de aniquilação levaria, então, à cisão do self em duas partes: uma verdadeira e uma falsa. A verdadeira diz respeito ao núcleo autêntico do self, à originalidade e à espontaneidade, e a falsa diz respeito à adequação e à submissão. Tal cisão seria resultado de uma primitiva ação defensiva, em que o falso self assume o comando de modo a proteger e permitir a retirada do verdadeiro self de cena (Winnicott,1983[1960b]:130).

Deste modo, os conceitos de falso e verdadeiro self serão peças chaves neste trabalho, pois ajudam a elucidar este importante contraponto entre uma vivência criativa alicerçada no ser e, por outro lado, uma vivência reativa que enfraquece o sentimento de existir.

3.1. O embotamento criativo e o vazio existencial

Antes de passarmos aos conceitos de verdadeiro e falso self propriamente ditos, faz-se necessário esclarecer o que estamos entendendo por self na obra de Winnicott.

Grosso modo, podemos dizer que Winnicott (1960b,1967c) utiliza o termo self para definir a experiência individual do ser em sentir-se existindo, ou melhor, do sentimento de se ter uma existência pessoal, singular. Neste sentido, é no momento de separação entre o eu e o não-eu que um sentimento de self começa a ganhar força.

O sentimento de self é uma aquisição, faz parte do processo de desenvolvimento emocional primitivo. Para Winnicott, de início o bebê não é uma unidade, no sentido de estar integrado em seu self, mas faz parte do indissociável conjunto ambiente-indivíduo. Aqui é o dois, unidade mãe-bebê, que precede o um, o “eu sou” (Winnicott,1962b)⁵. Deste modo, o sentimento de ser, proveniente da relação fusional, precede e, principalmente, constitui a base para o sentimento de self. Dito de outro modo, o sentimento de self é, em sua origem, um potencial, que, somente alicerçado numa vivência fusional que garanta o sentimento de continuidade existencial do bebê e, portanto, partindo de uma experiência de não-integração, poderá ser alcançado pela criança.

A chave deste processo que leva do sentimento de ser ao sentimento de self parece ser a criatividade. Como vimos, a criatividade relaciona-se à expressão espontânea do ser que, encontrando o devido suporte ambiental, transforma-se em experiência criativa. Através desta experiência, o sentimento de ser se fortalece no indivíduo, e, aos poucos, as experiências são integradas em um self pessoal, que não se confunde mais com o ambiente, mas que preserva algo de autêntico, algo que é inconfundivelmente seu. Assim, para Winnicott, “é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)” (Winnicott,1975[1971b]:80). Ou seja, é através da criatividade que a singularidade do ser pode ser circunscrita sob um sentimento de self, de ser si mesmo, de sentir-se real.

⁵ Utilizamos o termo dois para enfatizar a importância do meio para a constituição subjetiva, mas não podemos perder de vista que, da ótica do bebê, ele e a mãe formam uma unidade. Sob esta ótica, não há sentido em se falar de dois.

Mas, o que então seria este self que está presente desde o início, que se inicia no começo da vida? Este seria uma self nuclear, algo que já faz parte da singularidade do ser, mas que ainda não é legitimado pelo indivíduo como tal, isto é, ainda não é consciente ou sentido por ele como fazendo parte de uma personalidade. Tal consciência advém apenas como resultado dos processos de integração, personalização e da possibilidade de se avaliar o tempo e o espaço.

Note-se que há grande semelhança entre a descrição deste self inicial e a também inicial experiência de não-integração egóica. De acordo com Abram, por várias vezes Winnicott utiliza os termos self e ego aleatoriamente, não empreendendo uma distinção clara entre eles (Abram,2000:221). Porém, para Abram, existe diferença, embora Winnicott não a tenha esclarecido o suficiente, e considera importante que a tenhamos em mente. Diz que o termo self engloba os diferentes aspectos da personalidade, representa, assim, o sentimento de ser subjetivo, o que só é alcançado com a diferenciação eu-não-eu. O termo ego, por sua vez, seria utilizado para designar “um aspecto do self que possui uma função bastante particular: organizar e integrar a experiência” (Abram,2000:221). Assim, antes de pensarmos em um bebê que se sente real, pleno em sua existência, há que se pensar que é através de um processo que isto se torna possível, a saber, do processo de integração egóica.

Em sua experiência clínica, Winnicott deparou-se com pacientes que não se sentiam reais, que não atingiram (ou perderam) este sentimento de existir singularmente, de ser si mesmo. Ao contrário, eram o vazio existencial, o sentimento de irrealidade e o de uma falsa existência que estavam no centro de suas experiências. Assim, Winnicott postulou a existência do que chamou de falso self e, em seguida, daquilo que pode ser considerado como o núcleo autêntico do self: o self verdadeiro. Em ambos os aspectos o meio tem importância determinante. Se o ambiente for suficientemente bom, o indivíduo poderá ser prioritariamente verdadeiro, autêntico e criativo. Por outro lado, se o ambiente não for adaptativo, diminuem, em muito, as chances dele desenvolver seu potencial criativo, posto que, neste caso, o ambiente não permite ou responde adequadamente ao gesto espontâneo. Disto resulta que o falso self pode assumir o comando, e a submissão passar a ser a forma principal pela qual o indivíduo se relaciona com o mundo.

“O conceito de um falso self tem de ser contrabalançado por uma formulação do que poderia, com propriedade, ser denominado self verdadeiro. No estágio inicial o self verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o verdadeiro self em ação. Somente o self verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. Enquanto o self verdadeiro é sentido como real, a existência do falso self resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade” (Winnicott,1983[1960b]:135)

Para Winnicott, a mãe suficientemente boa reconhece e complementa a espontaneidade e a onipotência do bebê. Assim contemplados, os gestos espontâneos transformam-se em experiência criativa e fortalecem o sentimento de ser do bebê. Para Winnicott, o self verdadeiro só se torna uma realidade se houver “êxito repetido da mãe em responder ao gesto espontâneo do bebê” (Winnicott,1983[1960b]:133), ou seja, na transformação do gesto em experiência criativa. Assim, é através da experiência com a mãe que o self verdadeiro torna-se uma realidade viva, ou melhor, é somente através desta experiência que faz sentido se falar em um verdadeiro self sendo expresso.

Assim mais do que relacionar o verdadeiro self ao movimento espontâneo, Winnicott parece postular a criatividade como determinante para a possibilidade de um experienciar do self verdadeiro. Enquanto o gesto espontâneo alude a algo que possa parecer meramente individual, a criatividade remete à necessidade do apoio e da própria contribuição do ambiente para a transformação do gesto espontâneo em experiência criativa, ou seja, à importância da relação de troca para o enriquecimento do sujeito.

Em suma, para Winnicott o verdadeiro self diz respeito ao gesto espontâneo que, porém, apenas sendo legitimado e apoiado pelo meio e, portanto, transformando-se em experiência criativa, pode ganhar vida. Assim, a criatividade está diretamente relacionada à expressão autêntica do self, à possibilidade de pintar a realidade externa com um colorido interior que confere um valor singular à existência, enriquecendo o sujeito e dotando a realidade de sentido. Somente assim um sentir-se real pode emergir. Vale citar a definição que Winnicott confere ao termo “sentir-se real”: “Sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (self) para o qual retirar-se, para relaxamento.” (Winnicott,1975[1967c]:161)

Em contraste, uma mãe que não se adapta às necessidades do bebê deixa de dar sentido ao gesto espontâneo dele. Em lugar disso, ela impõe o seu próprio gesto, de modo que criança passaria a acatá-lo e submeter-se à ele. Esta submissão seria conseqüência da falha materna, vivida pelo bebê como ameaça à sua continuidade existencial. Se as falhas forem por demais invasivas e, assim, também as reações, começa-se a se configurar no psiquismo um padrão falso de ser. Isto é, diante do acúmulo de reações às intrusões ambientais, o self verdadeiro passa a ser defensivamente ocultado, de modo a ficar resguardado do perigo iminente que o meio representa, e o falso self assume o comando adaptando-se, ou subordinando-se, às supostas exigências do meio.

“A mãe que não é suficientemente boa não é capaz de complementar a onipotência do lactente, e assim falha repetidamente em satisfazer o gesto do lactente; ao invés, ela o substitui por seu próprio gesto, que deve ser validado pela submissão do lactente. Essa submissão por parte do lactente é o estágio inicial do falso self, e resulta da inabilidade da mãe de sentir as necessidades do lactente.” (Winnicott, 1983[1960b]:133)

Assim, o falso self funciona como uma defesa que tem por função ocultar e proteger o verdadeiro, a fim de resguardá-lo (1983[1960]). Tal defesa é inerente ao próprio funcionamento psíquico, pois é o que possibilita a adequação necessária a certas condutas sociais. No âmbito mais próximo da saúde, a divisão do self se daria em virtude da conquista de uma habilidade do bebê em conciliar-se ao meio. Ou seja, de adequar-se diante de determinadas normas e exigências necessárias à vida em sociedade. Neste caso, o self verdadeiro poderia ceder diante de tais normas, abrindo espaço para o falso self na função de conciliador, situação, no entanto, facilmente reversível. No extremo oposto, haveria uma clivagem entre o verdadeiro e o falso self, em que o aspecto falso seria confundido com a pessoa inteira. Aqui o self submisso toma conta, ou seja, o falso self se implanta como real e o verdadeiro self fica sem possibilidade alguma de expressão (1983[1960b]:130-31). Deste modo, o falso self é patológico quando prejudica, ou impede, de tal modo a experiência do verdadeiro self que o deixa sem vida.

Neste sentido, existe uma certa graduação, que se estende da saúde à patologia. Nos casos mais próximos da saúde, o falso self age em defesa do verdadeiro, a quem protege sem substituir. Por outro lado, nos casos mais graves,

o falso self substitui o real e o indivíduo, provendo-o de uma sensação de vazio, futilidade e irreabilidade.

“A descrição do grau extremo de cisão leva à descrição de graus de cisão menos intensos, e também do modo como, em algum grau, isto que estamos descrevendo se acha presente em todas as crianças, por ser intrínseco à própria vida. No grau extremo de cisão, a criança não tem qualquer razão para viver. Nos níveis menos elevados existe um certo sentimento de futilidade relativo à vida falsa, e uma busca incessante daquela outra vida que seria sentida como real, mesmo que levasse à morte, por exemplo através da inanição.” (Winnicott,1990:128)

Desse modo, enquanto o verdadeiro self diz respeito à possibilidade de se dotar a vida de valor e de originalidade criativa, o falso self levaria à submissão, à uma vida sem brilho e sem sentido. Dito de outro modo, a experiência princeps de uma vivência baseada em um falso self leva a um sentimento de não existência, de vazio, de falta de sentido. Aqui, há grande dificuldade de um contato com a realidade, uma vez que o objetivo do falso self é justamente o de manter o mundo à distância. Neste sentido, “viver ou morrer” de fato não importa, pois, digamos assim, já se trata de uma vida sem vida.

Portanto, a saúde psíquica está intimamente relacionada ao viver criativo e à expressão verdadeira do self. Vale frisar que a criatividade diz respeito à maneira como o sujeito relaciona os mundos interno e externo, à possibilidade de interligar o subjetivo ao objetivo de modo que a vida faça sentido. Por outro lado, na dinâmica do falso self, a realidade não é sentida como corroborando com as necessidades pessoais, mas, ao contrário, como algo que demanda adaptação. Aqui entra em jogo o próprio sentimento de existência, de singularidade, uma vez que a submissão toma o lugar do sujeito criativo. Vale citar a forma como Winnicott (1967) define o conceito de saúde:

“A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas.” (Winnicott,1999[1967a]:10)

Em suma, para Winnicott a criatividade significa poder dotar a realidade externa de um colorido pessoal, faz parte da força vital que nos impele a viver a vida de maneira engajada, a nos apropriarmos dela. É um encontro entre o mundo subjetivo e o objetivo, onde as experiências do viver fortalecem o sentido de existência. Por outro lado, a submissão, característica de um viver não criativo, levaria ao empobrecimento do eu e seria uma base doentia para a vida. Neste caso, a vida pode perder o sentido, uma vez que o vínculo entre o mundo subjetivo e o objetivo se torna tênue, podendo passar, este último, a ser tido apenas como algo ameaçador.

Assim, enquanto a criatividade é o que confere significado à vida e a faz valer a pena, o embotamento da criatividade resultaria num sentimento de irrealidade e desengajamento da vida. Note-se que há um contraste em jogo aqui: de um lado tem-se a criatividade, a atividade imaginativa, o trabalho construtivo, de outro, a submissão e o empobrecimento da realidade interna. Ou seja, enquanto a criatividade diz respeito à autenticidade do ser, e à possibilidade de dotar as experiências de vida de um significado próprio, a submissão relaciona-se à sensação de dependência perante uma realidade demandante, a uma existência falsa por ser reativa, e não autêntica. Em suma, o falso self carece justamente daquilo que dota a vida de valor, a saber, a originalidade criativa.

“A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos a criatividade de outrem, ou de uma máquina” (Winnicott, 1975[1959-64]:95)

Quando Winnicott fala em um indivíduo que vive a vida como uma máquina, está se referindo à impossibilidade deste em aperceber criativamente o ambiente, a uma certa dificuldade em lidar com o mundo como um aliado, vendo-o, ao contrário, como algo ameaçador e que requer adaptação. Como vimos, a saúde psíquica relaciona-se à possibilidade criativa de intercambiar o interno e o externo, isto é, relaciona-se a um meio termo da vida: nem tão subjetiva, nem tão objetiva. Tanto o sujeito que vive preso às fantasias, e acaba por romper o contato com a realidade objetiva, vive um estado patológico, quanto àquele que se ancora aferradamente à objetividade, o que, por isso mesmo, faz enfraquecer o

importante contato com seu mundo subjetivo e com a abordagem criativa dos fatos (1975[1959-64]:97).

É interessante como Winnicott utiliza sua teoria da criatividade para pensar o questionamento filosófico a respeito do que é a realidade. Ao falar sobre *A filosofia do “Real”* (1988c), resume as opiniões dos filósofos a respeito desta problemática em duas vertentes: uma delas entende que a realidade depende do observador para ganhar existência, para a outra a realidade existe, ali está, independente do olhar do observador. Winnicott observa que esta problemática faz parte dos primórdios da constituição humana, mas, para ele, ela não se torna um problema de fato para o sujeito que pôde experienciar a ilusão criativa, uma vez que a criatividade dilui as fronteiras entre o que é da ordem do subjetivo e do objetivo. Assim, podemos dizer, Winnicott cria uma terceira solução para tal problema filosófico, que diz respeito justamente à capacidade criativa humana.

Deste modo, o que a criatividade possibilita é uma ilusão de contato, de uma inter-relação entre o mundo interno e o externo. Porém, se isto não ocorre na experiência do bebê, evidencia-se uma ruptura, e a falta de sentido parece ser inevitável. Nestes casos em que o meio falha em suportar esta sobreposição, ou melhor, em dar oportunidade aos processos criativos, aí então torna-se um problema para o sujeito discernir o interno e o externo. Quando o bebê se vê diante da impossibilidade de contatar a realidade, surge nele grande temor em perder a capacidade de se relacionar, pois se cria uma aterrorizante ameaça de abismo entre o que é da ordem do subjetivo e do objetivo. Em casos ainda mais extremos de fracasso ambiental, o bebê pode perder a capacidade ilusória, ou então esta fica tão comprometida “que facilmente se quebra num momento de frustração”, podendo, assim, levar ao desenvolvimento de uma doença esquizóide (1990[1988c]:135).

Com isto, podemos dizer que a criatividade possibilita a importante inter-relação entre o sujeito e o mundo – um mundo que, embora reconhecido objetivamente, ganha um colorido singular com as experiências de cada um. Sem a ilusão criativa a vida carece de sentido, e torna-se difícil suportar a realidade. A ilusão criativa é o que dá certa credibilidade e sentido às coisas da vida, dito de outro modo, o investimento na vida parece depender desta força ilusória. Vale lembrar, porém, que para Winnicott (1959-64), mesmo nas situações mais adversas, não existe a possibilidade de uma destruição completa da capacidade

criativa, embora, em tais casos, a criatividade deixe de ser enriquecida pelas experiências do viver, pelas trocas com o mundo.

“Como já indiquei, é necessário considerar a impossibilidade de uma destruição completa da capacidade de um indivíduo humano para o viver criativo, pois, mesmo que no caso mais extremo de submissão e no estabelecimento de uma falsa personalidade, oculta em alguma parte, existe uma vida secreta satisfatória, pela sua qualidade criativa ou original a esse ser humano. Por outro lado, permanece a insatisfação em virtude daquilo que está oculto, carente por isso mesmo do enriquecimento propiciado pela experiência do viver.” (Winnicott,1975[1959-64]:99)

Assim, conclui-se que a criatividade é relativa à experiência da realidade, que reporta-se ao relacionamento precoce mãe bebê, tal como fora vivido. Este por sua vez, poderá ter facilitado ou não a fruição da criatividade primária. No primeiro caso, fortalecendo o self e possibilitando o viver criativo; no segundo, dificultando a expressão espontânea do verdadeiro self e instaurando um sentimento de futilidade e irrealidade.

Vale ainda dizer que, embora o interesse de Winnicott recaia sobre os momentos de emergência do potencial criativo, considerando que o viver criativo se funda nos primórdios da constituição psíquica, ele não descarta a importância de um suporte contínuo do meio à experiência criativa. Assim, um ambiente por demais invasivo, inconstante, imprevisível, não acolhedor, ameaçador ou demandante tende a sufocar o viver criativo, mesmo que num momento posterior. O falso self, então, assumiria defensivamente o comando, interferindo no sentimento de que a vida é significativa e válida. Em outras palavras, ainda que se tenha um ingresso criativo na vida, a criatividade precisa continuar encontrando condições ambientais que a possibilite, pois, caso contrário, poderá ocorrer um embotamento criativo.

“Mas se tomamos conhecimento de indivíduos dominados no lar, prisioneiros, ou mortos em campo de concentração, ou vítimas da perseguição de um regime político cruel, supomos, antes de mais nada, que somente algumas dessas vítimas permaneceram criativas. Estas, naturalmente, são aquelas que sofrem. Parece, a princípio, que todos os outros que existem (não vivem) nessas comunidades patológicas abandonaram a esperança, deixaram de sofrer e perderam a característica que os torna humanos, de modo a não mais perceberem o mundo de maneira criativa.” (Winnicott,1975[1959-64]:99)

Neste sentido, por mais que o sujeito tenha começado a vida criativamente, tal como postulado por Winnicott, ele pode defrontar-se com situações que estão além de sua capacidade de suportar, e perder, mesmo que momentaneamente, a possibilidade de ser criativo. Com isto queremos dizer que, embora a teoria winnicottiana seja fundamentada na mais precoce relação entre o sujeito e o meio, postulando a importância do meio para o processo de desenvolvimento emocional, acreditamos que as aquisições maturacionais de que Winnicott nos fala não são estanques, mas se preservam como potencialidades. Se assim for, haverá sempre uma relação de interdependência e mútua influência entre o sujeito e o meio, de modo que as experiências, durante toda a trajetória de vida, interferem na própria dinâmica psíquica e nas formas como se darão as relações do sujeito com o mundo.

“Foi realizada uma tentativa de descrever o fator ambiental relativo aos vários estágios do desenvolvimento emocional. No entanto, para uma compreensão mais completa da questão, é preciso lembrar que os *estágios iniciais jamais serão verdadeiramente abandonados*, de modo que ao estudarmos um indivíduo de qualquer idade, podemos encontrar todos os tipos de necessidades ambientais, das mais primitivas às mais tardias.” (Winnicott,1990:173)

Deste modo, a importância de um meio suficientemente bom não parece relacionar-se apenas ao manejo materno – embora este tenha o papel fundamental –, sendo o suporte ambiental, em algum grau, sempre necessário. Sendo assim, parece-nos coerente pensar a importância do meio não apenas nas fases mais precoces da constituição psíquica, mas também influenciando toda a existência e as formas do indivíduo se relacionar e estar no mundo.